



SÁBADO, 13 DE JUNHO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VII - N.º 2004

NÃO SE PODE FALAR!

A polícia, apreendendo consecutivamente A BATALHA, demonstra o seu propósito de não permitir que a nossa voz critique desassombro-
damente os seus actos condenáveis. A BATALHA abstendo-se hoje de comentar as mortes dos presos e outras arbitrariedades, limita-se a trans-
crever a opinião da imprensa insuspeita na apreciação destes casos de tanta gravidade. Principiamos por dar a palavra ao jornal O MUNDO:

UM CASO GRAVE

Afirmou-se ontem, no Parlamento, que o operário Domingos Pereira havia sido assassinado pela polícia. Garante-se que esse operário não poderia fugir por ser quase cego. Se tal é verdade, é indispensável que o governo tome as mais energicas providências, de forma a castigar severamente tão monstruoso crime. Fomos sempre contra todas as tiranias e abusos do poder. Nunca quisemos saber quem era a vítima. O que temos o dever de afirmar é que à República cumpre garantir, por todas as formas, o mais sagrado dos direitos - o direito à vida.

Esquerdis- mo, não! Reaccionarismo, sim!

A preocupação que os democráticos têm mostrando de afugentarem a opinião de que o seu partido é dia a dia o mais conservador e reaccionário, é bastante sintomática. Esse partido da República, herdeiro do programa da propaganda republicana, está dando constantes e formidáveis pontapés nesse programa, para se envolver no conservantismo conveniente ao arranjo pessoal que muitos dos seus generais conseguiram, em prejuízo da nação.

Não basta dizer que mais uma vez o partido escolheu uma política e orientação que é das esquerdas. Para que isto seja uma verdade incontrovertida é necessário que os factos falem mais alto.

E os factos, aqueles que resultam da vida governamental do partido democrático, dizem claramente que não é esquerdismo que ele tem feito, mas sim partidarismo, e do mais baixo, daquele que levanta a maior repulsa e indignação.

Nada de deturpação das palavras. Dizer que o partido no último Congresso aceitou "mais uma vez a orientação das esquerdas", quando ainda não há muitos meses a maioria parlamentar do mesmo partido derrubou um governo saído do seu seio, por ter feito uma afirmação pública, que está de acordo com o esquerdismo, é forte, tem algo de quixotesco.

Que "esquerdismo" político é esse, escollido pelo Congresso, que sanciona de fio a pavio a obra desse governo, que é tudo quanto há de mais reaccionário?

Que "esquerdismo" foi escolhido se ele realizou uma obra menos jurídica que a de Sílvio Pais, acusado pelos democráticos de reaccionário e seu perseguidor?

E' trabalho esquerdistas tudo isso que está fazendo o governo dos Vitorinos, atropelando a independência do poder judicial; deportando indivíduos acusados de delito de natureza social, para fora do continente, pretendendo dar-lhes uma situação legal com um decreto que fizé publicar posteriormente as deportações?

Senhores democráticos! Estão laborando num grande erro, o erro de posição do vosso partido. Ou então pretendem iludir-nos, o que não é fácil, porque os factos desmentem as palavras. O vosso "esquerdismo" é puro reaccionarismo político, executado pelos cabos das esquerdas, a quem incumbem a resolução dos problemas económicos e sociais que agitam a sociedade portuguesa.

S. C.

Os sindicatos russos auxiliam os grevistas chineses

MOSCOW, 12.—O Conselho Central dos Sindicatos da União das Repúblicas dos Sóviets da Rússia enviou para Pequim cinquenta mil rublos destinados a auxiliar os grevistas chineses e as famílias dos estudantes mortos nos tumultos que ali têm ocorrido. (L.)

O QUE DIZ A IMPRENSA acerca do que "A Batalha" não pode dizer

Fiel ao que acima se afirma A Batalha não faz hoje comentários da sua lavra aos actos gravíssimos da polícia, que só o presidente do ministério ingenuamente desconhece, conforme declarou ontem no parlamento.

Se a liberdade de imprensa fosse respeitada já o sr. Vitorino Guimarães não poderia alegar desconhecimento de factos nos quais tem de intervir imediatamente. A Batalha fê-lo já elucidado e até poderia dizer aos deputados que o interpelaram que os acontecimentos são muito mais importantes e graves do que eles julgam.

Mas não queremos alongar-nos em considerações sobre factos de si já bastante eloquente. Damos mais uma vez a palavra ao nosso colega O MUNDO:

Na sessão de ontem da Câmara dos Deputados, o nosso amigo e ilustre deputado sr. Sá Pereira produziu um discurso que impressionou toda a Câmara. O velho republicano principiou por se referir aos acontecimentos da madrugada passada, verberando com toda a indignação a forma como procederam alguns agentes da polícia. Dirigindo-se ao ministro do Interior, disse:

—Na madrugada passada, vários cidadãos republicanos, por simples e arbitrárias suspeitas, foram encarcerados e esbulhados dos direitos que Constituição da República lhes garante. As casas desses cidadãos foram cercadas e assaltadas, quando se encontravam deitados, sendo presos e levados para o governo civil. Esses cidadãos foram soltos pouco depois! Protesto contra tais violências. Desejo saber se as garantias ainda estão suspensas...

E, prosseguindo, cada vez com mais justa indignação, o sr. Sá Pereira faz estas revelações à Câmara:

—Mas há factos mais graves que, quero crer, não são do conhecimento do ministro e das autoridades superiores da polícia. No governo civil alguns presos têm sido bárbaramente espancados! Mas que agentes são estes a que se entrega a manutenção da ordem da República? Como são possíveis tão monstruosas violências, que recordam as praticadas no período nefasto do desembro? Mas há mais: afirmo-me, e os factos parecem que o confirmam, que as notícias das pretendidas fugas de alguns presos servem apenas para justificar a sua morte, não passando de pretextos a encobrir o seu assassinato! É indispensável, para dignidade da República, que se providencie e investigue o mais rapidamente possível.

Respondendo ao ilustre deputado, o ministro do interior afirmou que desconhecia tais factos, mas que ia providenciar imediatamente.

O dr. sr. Nuno Simões, que também pedia a palavra, condena com igual indignação tais factos, afirmando que a Câmara dos Deputados não consentirá a continuação de tais violências. Mantenha-se a ordem, mas castigue-se com justiça.

Ainda na sua secção "Ecos" o mesmo jornal publicava o seguinte, sob a epígrafe Um protesto:

Escreve-nos um velho republicano protestando contra a morte do padre Domingos Pereira e afirmando que ele fôr sempre republicano, combatente do norte contra a Traumitania e de Monsanto, e que não só

não era bombista como nunca fizera a apologia de violências sanguinárias. Acusa a polícia de ter assassinado e garante que o Domingos Pereira nunca poderia pensar em fugir, porque sofrendo há oito meses de uma grave enfermidade, estava quase cego e, portanto, impossibilitado de tentar uma evasão.

O Jornal de Notícias, do Porto, publicava também este trecho eloquente:

Outro assunto. Agora, volta e meia, foge um preso e matam-no. Lavro igualmente o meu mais veemente protesto. Se esses homens são indesejáveis, expulse-nos da metrópole, mas não há o direito de os matar, a pretexto de que fogem. Se um legionário é bandido, quando mata, a lei matando, confessa o legítimo direito a esse banditismo. Se assim não é, decretam oficialmente a pena de morte. Mas, assim, não. Assim, é, sobre covarde, miserável. Estas armas têm sempre dois gumes. Agora ferem por uma forma. Esperam pelo reverso da medalha e digam-me depois se eu, mais uma vez, não estou na boa lógica. Se houvesse Parlamento (fantasma actual que se mostra de côcoras em São Bento) o sr. ministro do Interior cai na sessão de amanhã, mesmo sem explicações.

Vários jornais de Lisboa na sua secção parlamentar fizeram-se eco embora resumidamente das palavras dos srs. Sá Pereira e dr. Nuno Simões acerca das mortes praticadas por alguns agentes da polícia.

Dizia o insuspeitíssimo Diário de Notícias:

—O sr. Sá Pereira protestou contra as prisões feitas na madrugada de ontem, de alguns indivíduos que estavam em suas casas, como se as garantias ainda estivessem suspensas. Condenou o acto e reclamou castigo para os agentes da autoridade de que, segundo o informaram, espancaram bárbaramente no governo civil alguns presos. Por fim, aludiu à morte de dois presos, dizendo constar-lhe que elas não foram mortos por quererem fugir. Protestou contra contra todas estas violências escusadas e criminosas, pedindo o castigo dos seus autores.

O sr. ministro do Interior prometeu averiguar e castigar os culpados.

O sr. Nuno Simões reforçou as considerações do sr. Sá Pereira, manifestando-se contra as violências dos agentes da autoridade que "param querer comprometer o sr. ministro do Interior", cuja fama, a tal respeito, é já consagrada. Disse que a campanha que se está fazendo contra o governo, por motivo dessas violências, é a pior que se pode fazer.

O Século com pouca diferença de palavras refere-se também ao caso, do seguinte modo:

—O sr. Sá Pereira protestou, com energia, contra as prisões arbitrárias cometidas durante a madrugada de ontem, dizendo que elas se fizeram com cérco à habitação dum dos presos, tudo isto como se as garantias estivessem suspensas.

Além disso, verberou as violências que disse serem cometidas pelos agentes da autoridade no governo civil, onde, segundo as suas informações, têm sido bárbaramente espancados alguns presos.

A findar, aludiu à morte de dois presos, com palavras de energico protesto, dizendo constar-lhe que eles não pretendiam evadir-se.

O ministro do Interior prometeu averiguar, para os culpados serem punidos.

O sr. Nuno Simões também condenou as violências que se estão praticando, violências que fazem criar em volta do governo uma terrível campanha. Condenou a acção do ministro do Interior, que procura defender-se.

Mesmo As Novidades, apesar da bondade cristã lhes ordenar a maior indiferença perante tais barbaridades, fizeram referência as alusões dos referidos parlamentares:

O sr. Sá Pereira insurge-se contra as prisões de republicanos na madrugada última, prisões arbitrárias, e ainda contra o que para si diz sobre espancamento de presos no governo civil. Aludindo à morte dos dois legionários mortos pela polícia, chama para o caso a atenção do ministro do Interior pois corre que eles legionários não tentaram fugir aos guardas mas sim foram mortos por exponitânea resolução daqueles.

O ministro do Interior promete averiguar.

O sr. Nuno Simões insurge-se também contra violências cometidas pelas autoridades.

O Correio da Manhã, A Epoca e quaisquer outros jornais com leve alteração de vocábulos, referiram-se aos acontecimentos.

O Diário do Povo de ontem comentava com grande desassombro o discurso do sr. Sá Pereira. Passaram a repetir esses comentários que revelam que aquele jornal se põe de côcoras perante a vontade omnipotente e criminosa dos tresloucados senhores da hora:

—A que se quer referir o sr. deputado Sá Pereira? A morte bárbara e salvagedo do padre Domingos Pereira, levada a efeito pela calada da noite, pelos sacerdóciros do sr. ministro do interior.

Domingos Pereira era um bom e leal republicano. No norte combateu voluntariamente contra a "Traumitania", como no sul fôr um dos primeiros e mais decididos civis a empreender a escalada de Monsanto, enquanto a artilharia monárquica varria os ricos republicanos dessas primeiras horas incertas. Nunca foi bombista, nunca fez a apologia de sanguinárias, nunca propagandeou a violência.

Próximo ao Governo Civil, como legionário vermelho, foi mandado alta madrugada transportar para a esquadra de Santa Marta, onde devia permanecer incomunicável até que o árbitrio do antigo monárquico e actual parasita da República, sr. Vitorino Godinho, lhe desse o destino que tivesse por conveniente. Pois para o fazerem seguir da sua Capela para Santa Marta, como o mais curto caminho era através de ruas concordadas, fizeram-no subir a rua do Mundo, a rua D. Pedro V, para o levarem depois pela deserta rua da Alegria, onde o mataram, sobre o pretexto inacreditável de que o preso tentara fugir. Como se um homem velho quase cego, como Domingos Pereira, tentasse fugir aquela hora em que, não havendo viv' alma na rua, não só seria fácil e inacreditável capturá-lo, mas ele se tornaria num alvo excelente dos sicários do sr. Vitorino Godinho.

A isto se desce neste República! Acusam-se os homens da claque da Legião Vermelha, de numa faixa sinistra, atacaram à bomba, podendo com ela ferir ou matar inocentes. Mas o poder executivo prete por papilé, por árbitrio, ou por ódio pessoal, e manda serenamente matar esses presos, de madrugada, com um requinte de selvajaria que a chamada Legião Vermelha nunca se lembrou de pôr em prática.

E isto a República!

Não: é apenas a roça do sr. Vitorino Godinho. Roça que é utilizada para os seus ódios e nos seus despeitos ferir à vontade os que o pretendem meter na ordem; roça que ele gosta, chamando a si os mais ricos cargos, pôr o desempenho dos quais a sua boca nulidade nunca de longe ou perto esboçou sequer o menor indicio de competência.

Continuam os massacres na Bulgária

Os jornais italianos publicam extensos telegramas de Trieste, cidade que é hoje o melhor centro de informações dos Balkans.

Dizem esses telegramas que no distrito de Viddin, vários bando armados de "comitadiços" macedônios massacraram 400 pessoas.

Na própria cidade de Viddin, sessenta e oito pessoas foram mortas a tiros de revólver e, entre elas, os chefes do partido agrário Autel e Mitel e o deputado Kosovsky.

A casa desse último foi incendiada.

A casa de um dos "leaders" agrários, Hadzioiseff, foi destruída completamente com dinamite.

Quando chegou a Sofia a notícia do massacre, a multidão invadiu as ruas e as praças e protestou violentamente contra o governo.

A tropa interveiu e há inúmeros feridos.

Uma execução

SOFIA, 12.—Foi executado o comunista Perchimbleff. (L.)

Notas & Comentários

O princípio da nacionalidade

O coronel sr. Miguel Garcia está fazendo-as meias doses - nas colunas do Mundo a história de Portugal, num estilo, numa ingenuidade, num patriotismo, numa falsidade que se vê no mundo de D. Luís, mas no de D. Afonso Henriques. E é sobremaneira interessante como ele explica a formação da "nacionalidade".

... Mas, os fidalgos portugueses não podiam admitir o predomínio dum estrangeiro em detrimento daquele que devia ser seu princípio, como já lhe chamavam, o qual, não é vendo também com bons olhos, se tornou chefe do movimento revolucionário que havia de pô-lo em breve à testa do governo do Estado...

Eis como se fazia a nacionalidade, picarescamente iniciada por pelo de rebeldia dum menino malcriado e menor que entendia dever ditar leis ao átero da maternidade. E por causa disto se fez um movimento revolucionário... Foste menino e futebolista de uma formidável greve, com ele não fomos atendidos. (L.)

Um protesto

O Diário do Povo, mostrando uma notação inteligente sobre liberdade de imprensa e o erro que se pratica não protestando contra os abusos do poder que a atingem, manifestava assim a sua repulsa pela imprensa que aparece a Batalha:

—Foi hoje mais uma vez apreendido o órgão perário. Mais uma vez protestamos, em nome dos principais republicanos, contra estas violências do antigo monárquico que está no ministério do Interior.

Uma estatística arrepiante

Nos Estados Unidos foram internados nos manicómios, cerca de 302 homens e 72 mulheres que, devido ao alcoolismo, perderam as faculdades mentais.

Esta estatística sombria é uma estatística eloquente. Ela demonstra mais do que os discursos, mais do que as conferências, mais do que as razões científicas, os perigos a que o uso imoderado do álcool conduz.

Um mundo de misérias, de desgraças, de tragédias sai diariamente do gabinete das garrafas. Nem por isso elas deixam de esvaziarem, o que nos leva a crer que dentro em pouco o manicômio que em Lisboa está em via de conclusão, não chegará para aqueles que nele necessitam entrar após uma larga permanência pelas tabernas.

Continuam os massacres na Bulgária

Os jornais italianos publicam extensos telegramas de Trieste, cidade que é hoje o melhor centro de informações dos Balkans.

Dizem esses telegramas que no distrito de Viddin, vários bando armados de "comitadiços" macedônios massacraram 400 pessoas.

<p

A NOSSA ÉPOCA O botequim do sr. Dantas

Um nosso amigo, acaba de receber uma carta do Brasil, em que lhe é comunicado, entre outros assuntos, a pitoresca notícia de que um conhecido humorista brasileiro, acabou de entregar num teatro de declamação uma chistosa peça em três actos, intitulada: «O botequim do sr. Dantas».

A peça é uma comédia de costumes literários, passada em Lisboa. E' seu protagonista o conceituado escritor, poeta e dramaturgo sr. Júlio Dantas.

Numa finíssima sátira, todos os personagens das peças do autor da «Cela dos Cardeais», dão *rendez-vous*, ao botequim, no já famoso botequim do sr. Dantas.

A Severa e Madame X descomponse-se em goles de aguardente, e D. Ramon de Capuchela, o fidalgo cobardão, passa a armar em valente, e quebra com uma garrafa, a muito nobre cabeça do cardeal italiano. Por traz dum reposteiro verde, o sr. Dantas assiste à cena, e vai contando o número dos fregueses, com receio de que os criados o roubam.

O que «morreu de amor» vem a morrer num belo final de acto, com uma congesção produzida por excessos de «cognac», caindo o pano sobre a expulsão do chefe dos criados, que, por distração, correia para o sr. Dantas, exclamando:

—Depressa. Acuda, sr. doutor...

A que o ex-lerato, autor das «rosas de todo o anjo», replica, cheio de indignação: —Criados!... Expulsem este homem. Acaba de ter a audácia de me enxovalhar com a recordação do meu passado. Basta de insinuações. Eu hoje sou um honrado comerciante da nossa praça.

Numa cena de um simbolismo transcendentemente, um literato tumba chã com uma marquesa. A certa altura levanta-se, e com passos de minuete, tem esta magnífica tirada:

—Eu tive talento, e sacrificuei tudo ao pô de arroz da trivialidade. Isto é descer, marquesa! Eu tinha uma alma de artista, e fiz-me político. Isto é descer marquesa! Fui dramaturgo, arrojado dramaturgo e fiz-me negociante, sócio de uma livraria. Isto é descer marquesa! Deixei o teatro para a venda de café. Sera isto descer, marquesa?

Então todos os heróis da «Pátria Portuguesa» dizem em côro:

—Não é descer é subir. E' dar um salto do século XVIII e entrar verdadeiramente na nossa época.

Este comentário é a tese da peça. E' a parte séria, a nota grave da comédia.

Por el se constata como a nossa época devora tudo, até as inteligências que por instinto de belezas se haviam refugiado no século que assistiu aos caprichos do rei-sol. E' a época dos mercieiros, o triunfo do balcão, a hegemonia do cofre forte, absorvendo tudo, até as sensibilidades que como o sr. Dantas, reclamaram a sua firma na literatura.

Epocha terrível, na verdade.

Quando o sr. Dantas, um dos mais felizes autores do nosso tempo, vem a acabar em proprietário dum botequim, quem destino está reservado a outros literatos, que pregam aos quatro ventos que a arte é uma grande treta e que o valor dum artista:

Naturalmente, montar uma casa de peões...

Epocha maldita, que só tem a combatê-la os rudes trabalhadores...

E. F.

LIVROS E AUTORES

TAGARELICES — por Mercedes Blasco

Mais um livro de Mercedes Blasco, com o título bem sugestivo e femenino de «Tagarelices».

Livro de crónicas e impressões, é graciosas reportagens através da vida, em que a autora nos fala de políticos, de casos de rua, da boemia do «Café», de poetas e escritores, de gente de teatro, enfim dos tantos casos e pessoas que os seus olhos maliciosos têm focado com intencional observação, e que a sua pena tem animado com um estonado comentário.

Quem viveu a vida como mulher e artista, nas condições em que Mercedes Blasco a viveu, ora entendeendo-se nas perturbantes alegrias, ora esvaziando, até à última gota, o cálix da amargura, tem sempre motivos para encher de interesse as páginas dos seus livros. Basta-lhe olhar para traz e animar, no íntimo da sua alma, as saudades e as ilusões que tomaram pelo caminho; basta remexer nas cinzas onde tudo se extingue, menos a doce voluptuosa recordar.

O livro de Mercedes Blasco, felizmente, não é uma obra genial. Suponho que a escritora não aspira a entrar na academia. Mas é uma obra simpática, onde perpassa o sonho, a melancolia, a saudade, todos esses sentimentos natos numa alma de mulher, de mais a mais artista. Apenas o livro peca por alguns exageros — Mercedes Blasco é uma senhora algo exagerada, não só na exaltação de factos, como na de algumas pessoas em quem a sua gentileza descobre qualidades. Dêsses exageros, por exemplo, é prova a amavel referência que faz do meu nome nesta sua obra, o que, a pesar de tudo, não posso deixar de agradecer.

A edição, muito cuidada, é a livraria Aillaud e Bertrand.

LEGENDAS DA TARDE — Versos por Manuel Morais

Manuel Morais, autor deste livro — «Legendas da Tarde» — não é um poeta novo, estreante, parece. Pelo menos é a primeira vez que ouço dêste nome.

Todavia, através de algumas indecisões e duma técnica por vezes antiquada, notam-se excelentes qualidades de verseador.

A paisagem, o bucologismo, é a sua principal tentação, comprazendo-se o seu espírito contemplativo nos poemas, nas horas crepusculares, onde a sua inspiração toma vulto.

Mesmo os seus versos a que chamou de saudade e melancolia, têm, sempre, como principal motivo a paisagem de que o poeta soube tirar belas notas de côr.

A edição, apresentável, da Companhia Portuguesa Editora, do Porto.

** *

Recebemos um curioso livro de contos para crianças intitulado «A Gata Borracheira», da coleção do editor João Romano Torres, dirigido pelo sr. Henrique Marques Junior. Edição, ilustrada conforme ao fim que visa e bem apresentada.

JULIÃO QUINTINHO

ter a ordem mas supõe-se que Chang-Tso-Lim deseja um relatório da situação em Xangai para dela tirar partido.

A greve dos trabalhadores do porto continua no mesmo estado.

Os estudantes continuam a provocar numerosos conflitos que obrigam a fôrça de polícia a percorrer constantemente as ruas em carros armados.

UM CASO GRAVE

que se pretende abafar escandalosamente

A imprensa costuma vir recheada de crimes repugnantes respiados dos jornais estrangeiros. Transcreve-os na sua devida clareza.

Mas os crimes repugnantes que se passam ao pé da porta, intramuros da cidade desses nem todos são atirados para a luz da vulgaridade. Ou se exageram os factos, atafullando as colunas da publicidade, ou elas são completamente omitidos pelo silêncio dum favoritismo, quicá duma lenitividade a dar à arracha do encobrimento.

Parece que estamos na presença de um desses casos.

Na grande casarão que domina o rio Douro e está contíguo ao Prado do Rego-Pouso, casarão a que dão o nome de Seminário ou Colégio dos Orfãos, está instalada a escola canária n.º 5, destinada à educação de crianças internas e externas do sexo feminino.

Essa escola tem um «perfeito», Domingos Maria da Silva Ferreira — que, por sinal, tem sido perfeito para os menores. E' considerado «meninheiro», pelo que lhe entregaram inteiramente as petiscas quando em passeio.

Tão «meninheiro» é, tão sabido é, andá, que até violentou algumas crianças, chegando, ao que o pai de duas delas nos narra, a empregar «cuidados» para maior suavidade do atentado ao pudor.

A patifaria andou coberta por algum tempo. Mas como o diabo as tece, ela sempre se descobriu.

O pai das duas crianças que ontém nos procurou, a princípio, julgou que só uma das suas filhas é que tinha sido violentada. Depois chegou a saber que uma outra também tinha sido vítima. Major desgraça, maior desolação. Além destas duas vítimas, ainda, há uma outra muda, a qual, a-peço, é de uma outra vítima.

Depois chegou a saber que uma outra também tinha sido vítima. Major desgraça, maior desolação. Além destas duas vítimas, ainda, há uma outra muda, a qual, a-peço, é de uma outra vítima.

«O Diário do Povo» commenta este modo desassombroadamente, as perseguições exercidas contra as classes operárias...

... não é lógico, nem moral, que um parente, que tem marcado sempre as suas atitudes últimas por uma ação caracterizadamente perseguidora, que persegue os elementos avançados do povo como feras, que depõe sem culpa formada dezenas de crianças, por simples suspeitas e arruacos policiacos, não pode ser um partido radical, está eivado dum espírito conservador, impróprio do nosso tempo.

Isto nunca se fez no tempo franquista. João Franco era cruel na sua sanha contra os partidos opositos ao regime monárquico, mas nunca foi tão zulo, nem tão hotentote, como o governo do sr. Vítorino Guimaraes, que é mais votado da lista democrática no último congresso.

O espírito jurídico dos zulos e dos hotentotes, como se vê em todos os livros sobre etnografia africana, é superior ao do governo que se encontra no poder. Em nenhuma tribo indígena se condene sem julgamento.

«A alimentação era bem má e escassa; um pedaço de pão de milho e leite, e aos pesos só lhes foi consentido vestir umas sujas fardetas de soldado, andando descalços e sem camisa.

«No dia da saída foram conduzidos a bordo por uma força de tenente. Embarcaram num cais fora da cidade, mas um grupo grande de cobardes reaccionários foi esperá-los ao caminho, insultando vilmente homens que não se podiam defender.

«Ao verem-se tão cruelmente assediados

A BATALHA

Os deportados em Angra

sofreram os piores vexames, a-pesar-de não terem sido julgados

Começam a chegar informações sobre a forma como foram tratados os operários primeiramente deportados para Angra do Heroísmo, e que juntamente com os da segunda leva devem estar a chegar à Guiné, de antemão condenados por delitos sobre os quais os tribunais ainda não se pronunciaram.

Obra do arbitrio mais revoltante, ela atesta o estado de conservantismo a que chegou uma república, que se anunciaava ao povo como progressiva e justa.

Duma carta dum nosso leitor ali residente, carta repassada de sentimento e indignação, respagamos algumas notas em que se dá uma pálida ideia da situação dos presos, pois a sua incomunicabilidade era duma rigorosa, quicá duma lenitividade a dar à arracha do encobrimento.

«Quem é que indemnizará esses homens dos sofrimentos e dos prejuízos sofridos por elas e por suas famílias, se amanhã um tribunal bastante digno para não aceitar pressões seja de quem for, vier declarar que tem de restituir os presos à liberdade devido à insuficiência da acusação?»

«A imprensa» é que indemnizará esses homens dos sofrimentos e dos prejuízos sofridos por elas e por suas famílias, se amanhã um tribunal bastante digno para não aceitar pressões seja de quem for, vier declarar que tem de restituir os presos à liberdade devido à insuficiência da acusação?

«O que diz a imprensa»

O «Diário do Povo» commenta deste modo desassombroadamente, as perseguições exercidas contra as classes operárias...

... não é lógico, nem moral, que um parente, que tem marcado sempre as suas atitudes últimas por uma ação caracterizadamente perseguidora, que persegue os elementos avançados do povo como feras, que depõe sem culpa formada dezenas de crianças, por simples suspeitas e arruacos policiacos, não pode ser um partido radical, está eivado dum espírito conservador, impróprio do nosso tempo.

Isto nunca se fez no tempo franquista. João Franco era cruel na sua sanha contra os partidos opositos ao regime monárquico, mas nunca foi tão zulo, nem tão hotentote, como o governo do sr. Vítorino Guimaraes, que é mais votado da lista democrática no último congresso.

O espírito jurídico dos zulos e dos hotentotes, como se vê em todos os livros sobre etnografia africana, é superior ao do governo que se encontra no poder. Em nenhuma tribo indígena se condene sem julgamento.

«Assistimos ontem ao espetáculo degradante e único dum jornalista de Setúbal ser preso, conduzido a Lisboa, e, pela simples exteriorização das suas opiniões e dos interesses dum sindicato de que faz parte, ser mantido prisioneiro, à ordem dum ministro do Interior, que do seu cargo se serve apenas, ou, para satisfação das suas vinganças pessoais, ou para gaudio da sua carteira, vastamente recheada pelo regime.»

«Assistimos ontem ao espetáculo degradante e único dum jornalista de Setúbal ser preso, conduzido a Lisboa, e, pela simples exteriorização das suas opiniões e dos interesses dum sindicato de que faz parte, ser mantido prisioneiro, à ordem dum ministro do Interior, que do seu cargo se serve apenas, ou, para satisfação das suas vinganças pessoais, ou para gaudio da sua carteira, vastamente recheada pelo regime.»

«Assistimos ontem ao espetáculo degradante e único dum jornalista de Setúbal ser preso, conduzido a Lisboa, e, pela simples exteriorização das suas opiniões e dos interesses dum sindicato de que faz parte, ser mantido prisioneiro, à ordem dum ministro do Interior, que do seu cargo se serve apenas, ou, para satisfação das suas vinganças pessoais, ou para gaudio da sua carteira, vastamente recheada pelo regime.»

«Assistimos ontem ao espetáculo degradante e único dum jornalista de Setúbal ser preso, conduzido a Lisboa, e, pela simples exteriorização das suas opiniões e dos interesses dum sindicato de que faz parte, ser mantido prisioneiro, à ordem dum ministro do Interior, que do seu cargo se serve apenas, ou, para satisfação das suas vinganças pessoais, ou para gaudio da sua carteira, vastamente recheada pelo regime.»

«Assistimos ontem ao espetáculo degradante e único dum jornalista de Setúbal ser preso, conduzido a Lisboa, e, pela simples exteriorização das suas opiniões e dos interesses dum sindicato de que faz parte, ser mantido prisioneiro, à ordem dum ministro do Interior, que do seu cargo se serve apenas, ou, para satisfação das suas vinganças pessoais, ou para gaudio da sua carteira, vastamente recheada pelo regime.»

«Assistimos ontem ao espetáculo degradante e único dum jornalista de Setúbal ser preso, conduzido a Lisboa, e, pela simples exteriorização das suas opiniões e dos interesses dum sindicato de que faz parte, ser mantido prisioneiro, à ordem dum ministro do Interior, que do seu cargo se serve apenas, ou, para satisfação das suas vinganças pessoais, ou para gaudio da sua carteira, vastamente recheada pelo regime.»

«Assistimos ontem ao espetáculo degradante e único dum jornalista de Setúbal ser preso, conduzido a Lisboa, e, pela simples exteriorização das suas opiniões e dos interesses dum sindicato de que faz parte, ser mantido prisioneiro, à ordem dum ministro do Interior, que do seu cargo se serve apenas, ou, para satisfação das suas vinganças pessoais, ou para gaudio da sua carteira, vastamente recheada pelo regime.»

«Assistimos ontem ao espetáculo degradante e único dum jornalista de Setúbal ser preso, conduzido a Lisboa, e, pela simples exteriorização das suas opiniões e dos interesses dum sindicato de que faz parte, ser mantido prisioneiro, à ordem dum ministro do Interior, que do seu cargo se serve apenas, ou, para satisfação das suas vinganças pessoais, ou para gaudio da sua carteira, vastamente recheada pelo regime.»

«Assistimos ontem ao espetáculo degradante e único dum jornalista de Setúbal ser preso, conduzido a Lisboa, e, pela simples exteriorização das suas opiniões e dos interesses dum sindicato de que faz parte, ser mantido prisioneiro, à ordem dum ministro do Interior, que do seu cargo se serve apenas, ou, para satisfação das suas vinganças pessoais, ou para gaudio da sua carteira, vastamente recheada pelo regime.»

«Assistimos ontem ao espetáculo degradante e único dum jornalista de Setúbal ser preso, conduzido a Lisboa, e, pela simples exteriorização das suas opiniões e dos interesses dum sindicato de que faz parte, ser mantido prisioneiro, à ordem dum ministro do Interior, que do seu cargo se serve apenas, ou, para satisfação das suas vinganças pessoais, ou para gaudio da sua carteira, vastamente recheada pelo regime.»

«Assistimos ontem ao espetáculo degradante e único dum jornalista de Setúbal ser preso, conduzido a Lisboa, e, pela simples exteriorização das suas opiniões e dos interesses dum sindicato de que faz parte, ser mantido prisioneiro, à ordem dum ministro do Interior, que do seu cargo se serve apenas, ou, para satisfação das suas vinganças pessoais, ou para gaudio da sua carteira, vastamente recheada pelo regime.»

«Assistimos ontem ao espetáculo degradante e único dum jornalista de Setúbal ser preso, conduzido a Lisboa, e, pela simples exteriorização das suas opiniões e dos interesses dum sindicato de que faz parte, ser mantido prisioneiro, à ordem dum ministro do Interior, que do seu cargo se serve apenas, ou, para satisfação das suas vinganças pessoais, ou para gaudio da sua carteira, vastamente recheada pelo regime.»

«Assistimos ontem ao espetáculo degradante e único dum jornalista de Setúbal ser preso, conduzido a Lisboa, e, pela simples exteriorização das suas opiniões e dos interesses dum sindicato de que faz parte, ser mantido prisioneiro, à ordem dum ministro do Interior, que do seu cargo se serve apenas, ou, para satisfação das suas vinganças pessoais, ou para gaudio da sua carteira, vastamente recheada pelo regime.»

«Assistimos ontem ao espetáculo degradante

o corpo do Salvador pela glória de quem tu combates.

Montfort, (com uma fanática exaltação). — A's armas, cavaleiros!... ao assalto!... Deus está connosco... Ao entrar em Lavaur nada de comiseração! matem tudo! como em Beziers, Deus reconhecerá os que lhe pertencem (*Designando em seguida os prisioneiros*). Que amarem esses três homens; guardá-los há em lugar seguro até ao momento do seu suplício!

Pele de Ganso, (alucinado de terror lança-se aos pés de Montfort e agarra-se-lhe ao fato). — Meu generoso padrinho! tu prometeste levar-me à pia baptismal quero daqui avante viver como católico. Com mil demônios! não há religião melhor! Creio na Igreja, creio em todos os seus santos passados, presentes e futuros, creio nos milagres os mais extraordinários; creio finalmente em tudo quanto quizeres!

Montfort, (voltando-se para o abade Reynier). — Sempre é certo o que dizes, este miserável cede ao medo e não à fé.

O abade Reynier, (a Pele de Ganso). — Se a tua fé é sincera, a fogueira te purificará das manchas passadas. Mas se tu finges uma conversão sacrilega, as chamas eternas serão o teu justo castigo. Portanto, serás queimado como os outros.

Pele de Ganso, (levanta-se furioso). — Oh! bode de luxúria, porco de imundice, tigre de crueldade! tu vingas-te daquela noite em que foste ao moinho de Chailotte para violentar Florette, e que eu te subjuguei para impedir que cometesses nova infâmia!

Os escudeiros do conde lançam-se sobre Pele de Ganso e o amarram, bem como a Karvel e a Mylio, que não opõem nenhuma resistência. De repente os clarins soam e ouve-se ao longe um tumulto guerreiro. Hugo de Lascy entra e diz ao conde:

— Senhor, é dia, tudo está pronto para o ataque de Lavaur, a sua lenteira o espere.

Montfort. — Marchemos, Deus combate por nós!

Alice de Montmorency, (de joelhos). — Vai, meu nobre esposo, ficarei de joelhos neste logar até ao fim

da batalha, orando pelo triunfo das tuas armas e pela salvação das pobres almas dos herejes de Lavaur.

Reynier, (a Montfort). — Vem, valoroso soldado de Cristo! vem receber das minhas mãos a santa comunhão!

Montfort sai encostado ao braço do frade e seguido dos seus escudeiros, enquanto Alice de Montmorency ora com fervor.

Mylio, (lançando sobre Pele de Ganso um olhar pesaroso). — Ah! foi a sua amisa por mim o que o trouxe a este país!

Karvel, (pensativo, contemplando Alice de Montmorency que murmurava as suas orações). — Pobre criatura intensa! o seu coração permaneceu bom, eia implora o céo pelas vitimas contra quem acaba de exercer a ferocidade de Montfort! O' Cristo! e os sacerdotes de Roma dizem-se teus discípulos!

A cidade e o castelo de Lavaur, depois de uma heróica defesa, entregaram-se aos cruzados; os conselhos estipularam que os habitantes teriam a vida salva; mas, como segundo o papa Inocêncio III, «ninguém é obrigado a guardar fé aqueles que não tem fé em Deus», quase todos os prisioneiros, contra o disposto na capitulação, foram degolados; os que sobreviveram estão reservados a diversos suplicios.

Decorreu uma noite depois da entrega de Lavaur.

Há muito tempo que o sol nasceu radiante em céo azulado. De repente o sino dumha igreja próxima sóa vagarosamente um toque fúnebre; abre-se imediatamente a portinhola que dá acesso para a varanda de pedra, onde estão cadeiras dispostas de antemão: assentam-se ali alternativamente: os arcebispos de Lyão e de Rennes, os bispos de Poitiers, de Bourges, de Nantes e outros prelados, com as suas vestes sacerdotais; Montfort e Alice Montmorency seguem-se depois acompanhados do legado do papa e do abade de Reynier, tomam lugar na primeira fileira da tribuna que domina a esplanada, onde se vêem entrar, a um sinal de Montfort muitos homens de armas; alinharam-

-se ao pé das muralhas e são seguidos de uns cinco sacerdotes e frades com cruz de prata algada, estandartes pretos, e que cantam em alta voz no seu fúnebre ritmo.

O carrasco, (acorrido diante da fornalha, dirigindo-se a um sargento). — Tenho os ferros prontos, vai buscar esses filhos de Satanaz.

O sargento dirige-se para a abóbada, empurra a porta; ela abre-se e dá passagem a vinte e oito homens e quinze mulheres, de diferentes idades e de todas as condições. Estes prisioneiros podem andar a passos miudos, posto que as suas pernas estejam ligadas. Têm as mãos atadas atrás das costas e param na distância de alguns passos da tribuna de pedra.

O abade Reynier, (com voz ameaçadora). — Herejes de Lavaur! para a última vez querem ou não abjurá? querem reconhecer a infalível e divina autoridade da santa Igreja católica e apostólica romana?

Um velho, (ao abade Reynier). — Meu filho morreu defendendo a cidade; as ruínas da minha casa incendiada depois do saque ainda estão fumegantes, estou com os pés na cova, não tenho nada de meu; mas olha, frade, devesse eu viver ainda tanto quanto tenho vivido, estivesse ainda hoje rico, tivesse junto de mim meu filho, o filho querido da minha velhice, que ele e eu te diríamos: A morte, mil vezes a morte antes do que abraçar a tua infame religião!

Os prisioneiros, (entre os quais se encontra Florette, ajoelham gritando). — Comiseração para com a nossa boa senhora de Lavaur e com seu filho! graca! misericórdia!

Só Florette é que fica em pé; a jovem mulher de Mylio, pálida, lívida, não ouve nada, não vê nada do que se passa em redor dela; tem o pensamento com o esposo, que se separou dela poucos dias depois do seu casamento para tomar parte na guerra; Florette julga-o morto. Não tendo ajoelhado como os outros prisioneiros, chama deste modo a atenção do abade Reynier; ele reconhece-a, estremece e diz consigo: — A sorrinha de Chaillote. Ah! Mylio, hei de vingar-me!

O velho, (a Alice de Montmorency que, pálida e de olhos baixos, resa devotamente o rosário). — Senhora, em nome de sua mãe, comiseração para com a nossa boa senhora de Lavaur!

Alice de Montmorency, (impassível). — Se ela não abriga a sua heresia, deve perecer...

O abade Reynier, (com voz trovejante). — Herejes endurecidos, a Igreja entrega-os ao braço secular, que suplicio inicua aos seus iguais um terror salutar.

O preboste do exército, (ao rei dos ribaldos). — Faz o teu ofício. Tu deixarás um ônho a esse velho que falou pelos outros, ele servirá de guia ao bando.

O príncipe, (a sua gente agarra ao acaso um dos prisioneiros, é um mancebo, amarram-no no assento do cadasal, enquanto o carrasco corre ao seu rescaldo).

O hereje, (aos ajudantes do carrasco). — Que vão fazer-me? Tenham dó de mim!

Um ajudante. — Vamos tirar-te os olhos, pagão! e também aos teus companheiros!

O hereje, (assustado). — Oh! a morte!... por piedade, antes a morte do que essa tortura! *Procura de balde quebrar as prisões e estorze-se convulsivamente gritando:* — A mim, meus irmãos, socorro! querem tirar-nos os olhos a todos nós!

Os prisioneiros, (voltando-se para Montfort). — Este suplício é horrível! manda-nos antes queimar, degolar ou enforcar! Piedade!

Montfort, (com voz cavernosa). — Não há piedade! A alma cega de vocês todos é inacessível à luz divina, os olhos do corpo fechar-se-lhes hão portanto à luz do dia.

Um hereje (de quem os dentes batem uns nos outros de terror). — Senhor, eu e muitos dos meus companheiros abjuramos. Piedade... piedade.

O abade Reynier. — E' demasiado tarde, o n'edo e n'fado é a fá dita as tuas palavras.

O jovem hereje, amarrado no cadasal, é vigorosamente contido pelos dois ajudantes do algoz; este aproxima-se do padecente, que solta gritos horríveis e

MARCO POSTAL

Sabábia — J.R. V. — Suplemento fica pago até 31 de Março.

Messines — Agente — Recebido 91\$20 da liquidação de Abril.

Ferrajoso — J. L. — Não temos o «Manual do Pintor».

Agenda de ABATALHA

CALENDARIO DE JUNHO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	1	12	19	26	Aparece às 5,11
S.	2	13	20	27	Desaparece às 20,01
D.	3	14	21	28	FASES DA LUA
S.	4	15	22	29	Q. C. dia 1 às 8,18
T.	5	16	23	30	L. C. 2,33
Q.	6	17	24	—	Q. M. 2,40
					L. N. 2,48

MARES DE HOJE

Praiamar às 7,06 e às 7,36
Baixamar às 0,07 e às 0,36

ESPECTÁCULOS

TEATROS

El Círculo — A's 21 — «Ma Iquerida».

Nacional — A's 21,30 — «Náufragos».

Teatro Luis — A's 21 — «Chic-Chic».

Variedades por Rose Amy e Marcel Valles.

Teatro Lírico — A's 21 — «O mundo é assim».

«Os autores dos meus dias».

Teatro Olympia — A's 20,30 e 21,30 — «Animagrafo».

Teatro Olympia — A's 21,30 — «Keanas».

Teatro Olympia — A's 21,30 — «Variedades».

Teatro Olympia — A's 21,30 — «A Cidade».

</

A BATALHA

Informações sociais

(Da Repartição Internacional do Trabalho, da Sociedade das Nações)

Seguro da maternidade na Argentina

A Comissão encarregada, pela Câmara dos Deputados da República Argentina de estudar as causas de mortandade infantil, aprovou um projeto de lei sobre o seguro da maternidade. Este projeto proíbe o emprego das mulheres em todos os estabelecimentos industriais e comerciais trinta dias antes e quarenta e cinco dias depois do parto.

Durante este período a mulher tem direito ao salário completo, à assistência gratuita de um médico ou de uma parteira. O seu emprego é conservado. Os gastos de seguro são pagos por uma caixa para a qual contribuem proporções iguais o Estado, os patrões e os operários de quinze a quarenta e cinco anos.

O trabalho das mulheres na América do Norte

O parlamento de Illinois foi apresentado um projeto de lei limitando o horário de trabalho das mulheres a oito horas. O dito projeto estabelece exceções em favor das fábricas de conservas que ficam autorizadas a funcionarem durante 10 horas de Junho a Outubro — para evitar a deterioração do pescado — e a favor das companhias de telefones quando as mulheres possam dormir no estabelecimento.

Horário do trabalho marítimo no Uruguai

Em dezembro último a autoridade competente aprovou o regulamento que fixa em quarenta e oito horas semanais a duração do trabalho dos marítimos que prestam serviço nos barcos uruguaios de cabotagem. De acordo com o capitão é concedido um dia de descanso semanal.

Todo o marítimo que tenha trabalhado durante os períodos de descanso gosará cada três, seis ou nove meses de férias que lhe correspondam por este facto, à razão de meio dia por cada quatro horas de trabalho. Quando o contrato expire antes de poder tomar as férias seu salário. Os capitães dos barcos devem possuir um registo, selado pelo agente da repartição do trabalho, no qual se indicará para cada mês a duração do trabalho diário de cada homem e o descanso concedido.

Conflitos agrícolas no Japão

A pesar do considerável desenvolvimento da indústria japonesa, a prosperidade do Japão depende da agricultura. Os conflitos, muitos frequentes entre colonos e proprietários, constituem uma verdadeira preocupação para todo o país e principalmente para o governo. Até há pouco, esses conflitos eram numerosos e graves. Uma lei promulgada em 1924, «sobre conciliação de conflitos agrícolas», submete todos os casos ao tribunal local de conciliação e arbitragem, dependendo a solução dum rápido, mas profundo e imparcial inquérito.

Sobre este assunto publicou o número de Maio das *Informações Sociais* um interessante e elucidativo estudo.

O CAPITAL

Tem sido o capital que, em todos os tempos, tem subjugado a classe trabalhadora. A ele se deve o crime, a inveja e a hipocrisia. Tem sido ele quem tem originado a desigualdade social. Deve-se-lhe a actual situação criada entre pobres e ricos, oprimidos e opressores.

O capital representa, como encarou Marx, o trabalho não pago. Tem servido o trabalho não pago, acumulado pelos burgueses, de ferro com que têm forjado as algemas da escravidão proletária.

A lei, a autoridade e a justiça sancionam o roubo legal feito aos que trabalham, sendo um extremo rigorismo contra o esforço que rouba um pão. Na maior parte das fábricas onde impera um regime inquisitorial, à falta dos mais rudimentares higiene, produzem-se focos de tuberculose, que arrastam sem cessar os operários para a vala dos cemitérios.

Urge, pois, que os produtores não descrevam a sua «perigosíssima» situação que as avulta e esmagá, insuflando-se, e preparam o seu futuro social. Toda a demora pode ser prejudicial. Por isso mãos à obra, sem tiques, sem esmorecimentos.

A marcha evolutiva das ideias sociais, destrinando todos os obstáculos e entraves, que lhe impedem o caminho, há de, afinal triunfar, inaugurando para as classes trabalhadoras um reinado de paz e justiça.

J. GRAÇA

PROPAGANDA SINDICAL

Uma sessão em Messines

MESSINES, 8.—Realizou-se no passado domingo uma sessão pública de propaganda sindical, à qual assistiram delegados da C. G. T. e F. C. C.

António Pedro Lebre fala sobre o horário de trabalho e no desprazo a que os trabalhadores têm votado essa tão cara régua. Raul Duarte analisa um artigo publicado num jornal da localidade, que não prima pelo exactidão.

O delegado da C. G. T. fala sobre o sindicalismo e a religião, cuja perniciosa influência analisa. — E.

ECOS DO 1.º DE MAIO

Já se encontra à venda o número especial de «A Batalha»

Já se encontra à venda a nova edição do número extraordinário do 1.º de Maio de «A Batalha» e bem assim as estampas em cartolina com as alegorias daquele número, sendo os seus preços: número extraordinário de «A Batalha», \$50; alegorias, 1\$50 cada.

Vão ser satisfeitos todos os pedidos que se fizerem acompanhar das respectivas importâncias, acrescidas do porte de correio que regula \$20 por cada duas estampas.

«A BATALHA» no Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

A política alemã

O confusionismo lançado no espírito das massas pelos partidos conservadores e avançados abriu caminho à reacção nacionalista

sectoriais como o partido chamado dos «Independentes».

Durante as últimas eleições os comunistas concentraram todas as suas forças contra a social-democracia. Esqueceram completamente que na Alemanha também existem capitalistas, nacionalistas alemães e o estrangeiro.

Este modo como os comunistas combatem a social-democracia era alguma vezes grotesco, que não se pode compreender como indivíduos possuidores dum certo sentimento capitalista, nacionalistas alemães e o estrangeiro.

Naquela altura os resultados das últimas eleições agravaram a crise no interior. Até agora tem sido impossível criar um governo que se apoiem na maioria do Reichstag.

Os partidos da esquerda contaram como certo com a desastrosa derrota eleitoral dos nacionalistas. O partido nacional, ou o partido da reacção, agrupa em seu seio todos os elementos conservadores e monárquicos e sobretudo os «junker» prussianos e grandes proprietários rurais.

Os chefes parlamentares do partido nacional alemão comprometeram-se gravemente nas últimas sessões no Reichstag.

Este mesmo partido, que na aparição conduzia uma campanha veemente contra o plano Dawes, chamando traidores aqueles que tinham votado este acordo, mudou, antes da votação, radicalmente de tática.

Metade dos seus representantes no Reichstag votaram favoravelmente o acordo, e a outra metade contra. Sómente, desse modo, foi possível ao velho governo obter uma maioria parlamentar.

Neste período, os operários alemães permaneceram somente a jornada de 8 horas, mas a sua situação é hoje muito pior.

O salário é tão baixo, que corresponde apenas ao suficiente para manter a vida.

O operário metalúrgico inglês ganhava antes da guerra 20 centavos mais do que um operário metalúrgico alemão. Hoje ganha o dobro. O pedreiro alemão ganha hoje a quarta parte do pedreiro inglês. E este estado de coisas reina na maior parte das indústrias. E a isto é preciso acrescentar a espantosa desocupação.

E' verdade que esta falta de trabalho foi um pouco diminuída nestes últimos dois meses, mas há ainda milhares de operários de baixo tempo sem trabalho.

Ao mesmo tempo, os grandes proprietários rurais querem introduzir um sistema da aliança de defesa para lançar impostos sobre os artigos de exportação, a fim de poder aumentar os preços no interior do país. Ameaçam o governo de boicotar por meio dos camponeses as cidades.

Literatura, teatro, arte, são hoje artigos de luxo para as massas alemãs. Os prazeres espirituais não são acessíveis às massas dos trabalhadores, porque os seus salários são tão baixos, que são apenas suficientes para satisfazer as necessidades da vida.

Mas também as relações entre os governos aliados e a Alemanha tornaram-se de novo, nestas últimas semanas, das mais críticas, e parece que os reacionários das duas partes, trabalham com todas as suas forças para provocar uma catástrofe.

RODOLFO ROCKER

ALENQUER

UM NOVO ATENTADO DA «LEGIÃO NEGRA»

ALENQUER, 10.—Continuam os discursos monárquicos as suas proezas de maifidores, conservando esta linda terra num sotré permanente.

O número dos votos republicanos tinha aumentado durante as últimas eleições. Mas os partidos estão espantosamente aniquilados.

Como partidos republicanos propriamente ditos não há senão os sociais-democratas e os democráticos.

Ainda que o partido católico, o do centro se aproxime também da república, a maior parte dos seus membros, são capazes num momento crítico, de vender as suas convicções e a república, desde que isso lhes dé proveito.

O número dos votos republicanos tinha aumentado durante as últimas eleições. Mas os partidos estão espantosamente aniquilados.

Os 30 mandatos que os socialistas ganham não têm nenhum valor, porque há partidos muito pequenos dos quais depende a solução durante as últimas eleições.

Vinte e seis partidos estavam em luta. Quasi metade não obtiveram senão um representante. A maior parte destes pequenos partidos, que conseguiram alcançar alguma cadeira no Reichstag não tem uma linha definida de conduta. A pesar disso não se pode estar satisfeito, porque são eles que têm a solução nas mãos da estranha constelação parlamentar actual. Os que foram vencidos durante as últimas eleições foram os partidos extremistas da direita e da esquerda. Os «folkische» ou «socialistas-nacionalistas» que se agrupam à volta de Ludendorf e do seu bando militar e anti-semita sofreram uma grande derrota, e em diversas ligações perderam quasi todos os seus votos. Este partido era apenas um produto artificial cultivado pelo dinheiro dos grandes capitalistas, que queriam fazer dele um instrumento contra o movimento operário.

Enquanto o fascismo só foi dirigido contra os operários, os reis da indústria alemã estiveram tranquilos, mas logo que Ludendorf e os seus sequelas quizeram fazer a sua política, recusaram-lhes a subvenção material.

Os comunistas, que agem exclusivamente segundo as ordens de Moscú, não podem, por esta razão, ganhar uma grande influência, porque é impossível que um partido seja o instrumento para a política externa dum estado pacífico. Isto é possível durante algum tempo, mas não para sempre. Durante o período da inflação, quando as massas estavam desesperadas, muitas pessoas votaram nos comunistas. Mas o entusiasmo pelos «comunistas» foi apenas um fogo de palha, que em breve se dissipou.

O facto que o partido comunista perdeu mais um mitão dos seus eleitores significa que uma fraseologia radical não é suficiente para manter um partido.

Durante os últimos 18 meses, os comunistas empregaram todos os meios para obter um sucesso decisivo. Os seus chefes sonharam uma aliança com os «folkische». Durante a invasão da Rússia juntamente com os povos reacionários nacionalistas e com o conde Reventlow, um dos maiores reacionários da Alemanha, escreveram artigos na «Rote Fahne» (A «Bandeira Vermelha»), órgão oficial do partido comunista alemão, para criar uma plataforma comum entre os nacionalistas e os comunistas.

Ruth Fischer, «leader» radical do partido utilizou-se das armas do antisemitismo para ganhar a simpatia dos estudantes nacionais; mas todos estes meios foram em vão. Não impediram que a influência do partido se tornasse cada vez mais fraca. Se não fosse a subvenção de Moscú, o partido ter-se-ia reduzido a um ounitudo de

Francês sem mestre por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 páginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de «A Batalha»

ACABA DE APARECER:

Revolução em Portugal

Comunista? Socialista? Libertária? Simplicista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República.

Por CAMPOS LIMA

Edições SPARTACUS

Preço 6\$00

Sobre a consciência dos governantes pesam dois crimes monstruosos: as deportações e o assassinato dos presos.



HORARIO DE TRABALHO

Condutores de carroças

Para tratar do horário de trabalho e resolver sobre a forma de o fazer cumprir reune amanhã, pelas 14 horas a classe dos condutores de carroças.

Companhia União Fabril

Reunião anteontem no Sindicato Metalúrgico da Póvoa de Varzim, para apreciar a forma como está sendo mantido o horário de trabalho e as subvenções daquela casa.

Resolviu nomear uma comissão para tratar do assunto afim de manter o respeito pelo horário.

Empregados no Comércio

A direcção da Associação dos Caixeiros de Lisboa avistou-se com o sr. ministro do Trabalho, a quem fez entrega dum representante refutando as reclamações formuladas pela Associação dos Lojistas de Lisboa acerca do decreto 10.72 que regulamenta a lei das 8 horas de trabalho. O ministro mostrou-se concorde com as alegações feitas pela Associação dos Caixeiros, achando conveniente que esta Associação comunicasse aos empregados no comércio que, de harmonia com o artigo 1º do decreto 10.72, «o trabalho nos estabelecimentos comerciais não começará antes das novas horas nem poderá continuar depois das desanovas, com uma folga de duas horas, não podendo o trabalho consecutivo ser superior a 5 horas».

Francisco Ramos Graça, preso no dia 4 de junho, quando a sua prisão foi aprovada, foi agredido pela polícia, apresentando várias equimoses pelo corpo, segundo o relatório da polícia.

Quasi que temos saudade dos tempos do franquismo...

Francisco Ramos Graça, preso no dia 4 de junho, quando a sua prisão foi aprovada, foi agredido pela polícia, apresentando várias equimoses pelo corpo, segundo o relatório da polícia.

Francisco Ramos Graça, preso no dia 4 de junho, quando a sua prisão foi aprovada, foi agredido pela polícia, apresentando várias equimoses pelo corpo, segundo o relatório da polícia.

Francisco Ramos Graça, preso no dia 4 de junho, quando a sua prisão foi aprovada, foi agredido pela polícia, apresentando várias equimoses pelo corpo, segundo o relatório da polícia.

Francisco Ramos Graça, preso no dia 4 de junho, quando a sua prisão foi aprovada, foi agredido pela polícia, apresentando várias equimoses pelo corpo, segundo o relatório da polícia.

Francisco Ramos Graça, preso no dia 4 de junho, quando a sua prisão foi aprovada, foi agredido pela polícia, apresentando várias equimoses pelo corpo, segundo o relatório da polícia.

Francisco Ramos Graça, preso no dia 4 de junho, quando a sua prisão foi aprovada, foi agredido pela polícia, apresentando várias equimoses pelo corpo, segundo o relatório da polícia.

Francisco Ramos Graça, preso no dia 4 de junho, quando a sua prisão foi aprovada, foi agredido pela polícia, apresentando várias equimoses pelo corpo, segundo o relatório da polícia.

Francisco Ramos Graça, preso no dia 4 de junho, quando a sua prisão foi aprovada, foi agredido pela polícia, apresentando várias equimoses pelo corpo, segundo o relatório da polícia.

Francisco Ramos Graça, preso no dia 4 de junho, quando a sua prisão foi aprovada, foi agredido pela polícia, apresentando várias equimoses pelo corpo, segundo o relatório da polícia.

Francisco Ramos Graça, preso no dia 4 de junho, quando a sua prisão foi aprovada, foi agredido pela polícia, apresentando várias equimoses pelo corpo, segundo o relatório da polícia.

Francisco Ramos Graça, preso no dia 4 de junho, quando a sua prisão foi aprovada, foi agredido pela polícia, apresentando várias equimoses pelo corpo, segundo o relatório da polícia.

Francisco Ramos Graça, preso no dia 4 de junho, quando a sua prisão foi aprovada, foi agredido pela polícia, apresentando várias equimoses pelo corpo, segundo o relatório da polícia.

Francisco Ramos Graça, preso no dia 4 de junho, quando a sua prisão foi aprovada, foi agredido pela polícia, apresentando várias equimoses pelo corpo, segundo o relatório da polícia.

Francisco Ramos Graça, preso no dia 4 de junho, quando a sua prisão foi aprovada, foi agredido pela polícia, apresentando várias equimoses pelo corpo, segundo o relatório da polícia.

Francisco Ramos Graça, preso no dia 4 de junho, quando a sua prisão foi